CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CORRESPONDÊNCIAS – RITA AZEVEDO GOMES | REALIZADORA CONVIDADA
21 de Novembro de 2026

Teatro e Cinema / 1996

um filme de RITA AZEVEDO GOMES

Realização: Rita Azevedo Gomes *Imagem*: Luís Correia, Filipe Baptista *Som*: Nuno Carvalho, Miguel Cunha *Montagem*: Vítor Alves *Filmes* (excertos): VEREDAS (João César Monteiro, 1977), DIE ABENTEUER DES PRINZEN ACHMED (Lotte Reininger, 1926), MARIA DO MAR (Leitão de Barros, 1930), MEIA-NOITE (Vítor Gonçalves, 1986), MUDAR DE VIDA (Paulo Rocha, 1966) *Colaboração especial*: Isabel Ruth, Luís Lucas *Com* (testemunhos): Manoel de Oliveira, Luis Miguel Cintra, Miguel Guilherme, Isabel de Castro, Carla Bolito, Paulo Rocha, Manuela de Freitas, Jorge Silva Melo, Marco Delgado, Milú, João Mário Grilo.

Produção: Rosa Filmes para Comissão para as Comemorações do Centenário do Cinema, Cinemateca Portuguesa (Portugal, 1996) *Assistente de produção*: Paula Oliveira *Cópia*: vídeo betacam, cor, 4:3, português, 24 minutos *Inédito comercialmente Primeira apresentação pública*: 1996, no Museu Nacional do Teatro, com a Cinemateca *Primeira apresentação pública em sala* Notas: o título inscrito é "teatro e cinema"; a obra foi conhecida como "O teatro vai ao cinema", título do ciclo e catálogo na altura editados pela Cinemateca; cartão inicial indica a data 18 de Junho de 1996.

TEATRO E CINEMA é apresentado com AUS DEM LEBEN DER MARIONETTEN (DA VIDA DAS MARIONETAS, Ingmar Bergman, 1980), "folha" distribuída em separado. O formato de exibição é idêntico ao formato original vídeo em betacam digital, podendo haver perturbações ocasionais de imagem decorrentes da leitura da cassete.

"A grande riqueza do cinema, se calhar, é que pode saquear a maior parte do património de experiências das outras artes de espectáculo, e também da literatura, da música, etc. E depois tentar reinjectá-las em coisas em que há uma espécie de *patine* do concreto. Aquela casa tem uma história verdadeira, aqueles muros contam coisas que aconteceram lá no passado, se é no exterior está a chover, está vento." O realizador tem de ser forte, saber o que quer sob pena de o resultado se diluir, continua Paulo Rocha filmado por Rita Azevedo Gomes em 1996. A afirmação do realizador aplica-se em geral, e em específico às singularidades do cinema de texturas e sobreposições da realizadora (ambos cineastas que sabem o que querem, que sempre souberam o que queriam), embora a conversa girasse à volta do cinema e do teatro e o cinema de Rita se cingisse, na altura, a uma única longa-metragem. "O cinema é de facto uma arte do roubo, de tudo o que é clandestino", discorre João Mário Grilo mais para diante, junto a uma mesa de montagem numa sala de arquivo da Cinemateca. A Manoel de Oliveira, que não via distinção cabal entre expressões artísticas, como o teatro e o cinema, a justeza do remate, "São fortalezas, são fortalezas onde a vida se encerra."

São algumas das considerações encadeadas nos vinte e quatro minutos de TEATRO E CINEMA entre a Cinemateca, de uma só sala, antes das obras, e a Cornucópia, ao Teatro do Bairro Alto, com uma guinada até ao mar do Guincho, a partir de depoimentos de Manoel de Oliveira, Luis Miguel Cintra, Miguel Guilherme, Isabel de Castro, Carla Bolito, Paulo Rocha, Manuela de Freitas e Jorge Silva Melo (na casa de um deles), Marco Delgado, Milú, João Mário Grilo. Rita fragmentou-os em quadros dentro do quadro, ou em espelho, como Luis Miguel Cintra de costas no meio do palco do teatro com a imagem projectada num ecrã, no cimo e a meio do enquadramento, voltada para a câmara no plano geral sobre a sala, palco e plateia. É isto e são *raccords*, sobreposições, cartões-separadores com texto (*O que cria*, *Transformar*, *A Palavra*, *Ver*, *Rever*…), negros, fundidos, a intromissão de fotografias, fragmentos de filmes de Lotte Reininger, Leitão de Barros, Paulo Rocha, João César Monteiro, Vítor Gonçalves. A fabulosa cena do salvamento de MARIA DO MAR, em que a jovem Maria do Mar é resgatada das águas da Nazaré pelo jovem Manuel, o corpo musculado dele em dificuldades para

segurar nos braços o peso do corpo dela, tropeçando nas águas e enterrando-se na areia, na mais sensual e lírica cena do cinema português mudo, existe em TEATRO E CINEMA como a imagem do puramente cinematográfico. É um fragmento mudo, a que Rita Azevedo Gomes apõe o som de um projector de cinema. A voz que o introduz é de Manoel de Oliveira, "O cinema nasceu como uma curiosidade, nas barracas de feira, mas com o tempo foi ganhando foros de arte."

Filmado no então gabinete de João Bénard da Costa na Cinemateca, Oliveira continua a seguir às imagens translúcidas de MARIA DO MAR: "O cinema tem um aspecto imaterial (…), as imagens são fantasma de uma realidade. No teatro, embora eles representem uma realidade que não é aquela que nós estamos a ver, eles [os actores] estão lá a ser aquela realidade." Manuela de Freitas, em conversa com Jorge Silva Melo umas cenas antes – e nesse momento em *off*, com a imagem sobre o pano vermelho do teatro e do cinema: "O teatro é uma casa, uma casa que fazia parte da cidade. (…) No teatro o palco é uma casa onde a gente está com outras pessoas. E um estúdio é…" Continua Jorge Silva Melo, "apenas um local onde se sente o trabalho. Os actores que fazem muito teatro sentem-se tão desprotegidos quando chegam ao cinema porque não são eles quem manda. Embora tenham as luzes em cima, estão completamente sozinhos, coisa que nunca lhes aconteceu no teatro. E estão completamente desprotegidos." Nesse momento, a voz de Silva Melo sobrepõe-se a uma sucessão de imagens fixas a preto-e-branco de Manuela de Freitas, reenquadradas sobre fundo negro.

Noutros passos, Luis Miguel Cintra: "A ilusão que se cria (no cinema) não é a ilusão que o actor criou." "No teatro o actor é ele próprio o senhora da situação. No caso do cinema a pessoa empresta a sua vida." "Tanto no teatro como no cinema, o actor representa à custa daquilo que na sua cabeça é a ideia de vida ou a ideia de ser humano." "A imagem no teatro é imaginária." "No teatro não fica nada." (Isabel de Castro.) "Está feito, passou." (Carla Bolito) "As vidas que se vivem no teatro passam a fazer parte de nós. As que se vivem no cinema ficam de fora." (Manuela de Freitas) A chegar ao fim do filme, Miguel Guilherme que também o pontua cheio de espírito e justas palavras, espreguiça-se como um gato, e diz uma frase banal que então ainda não era uma célebre fala e cinema com ressonâncias várias, teatro incluído – "Vou para casa" (!) Tal e qual como o título do grande filme de Manoel de Oliveira em que Michel Piccoli interpreta um actor de teatro que perde as graças da representação num *plateau* de cinema dirigido por John Malkovich e se vai embora com essa exacta tirada. JE RENTRE À LA MAISON (VOU PARA CASA, 2001) foi imaginado por Oliveira enquanto filmava o anterior PALAVRA E UTOPIA (2000, no qual, outra curiosidade, Miguel Guilherme tem um papel!) e ouviu o mesmo desabafo a um genuinamente exasperado dos seus actores, Renato Di Carmine. *Os acasos não acontecem por acaso*, exprime outra fala de cinema (n'o SOM DA TERRA A TREMER de Rita Azevedo Gomes, 1990).

No fundo, se é verdade que muito se fala das "fortalezas em que a vida se encerra", é o actor, o trabalho do actor o eixo que orienta a montagem do "vídeo" de Rita Azevedo Gomes realizado *com a colaboração de* Isabel Ruth e Luís Lucas. O primeiro grande plano de TEATRO E CINEMA são os olhos de Manuela de Freitas atrás da rede do chapelinho da sua personagem em O SOM DA TERRA A TREMER, mas no preto-e-branco de uma fotografia, provavelmente. A primeira voz é a de Manoel de Oliveira. A história do interregno de Rita entre SOM e FRÁGIL COMO O MUNDO está contada, relembre-se: em 1996, Rita fazia parte da equipa de programação da Cinemateca havia uns três anos, e a Cinemateca tinha-se envolvido num projecto de programa ("O teatro vai ao cinema") e exposição com o Museu do Teatro (no seu espaço, "O cinema vai ao teatro"), engendrado por João Bénard da Costa e Vítor Pavão dos Santos. Houve catálogo, com coordenação editorial de Rita e Antónia Fonseca, grafismo de Rita e Guilherme Lopes Alves. E houve este vídeo, feito para integrar a exposição, em que se ouvem gaivotas, o vento e as ondas do mar, um comboio em andamento a par de outros murmúrios e as vozes humanas – que este texto reproduz com tanta citação, para manter o rasto dessa energia. Não sem notar, ainda, como TEATRO E CINEMA começa e acaba com o golpe seco das pancadas de Molière (o teatro) e desagua num genérico de planos que interrompem, sublinhando-o o movimento do cinema (em paralíticos de cinema). A advertência está no princípio, num fragmento de VEREDAS, "Será um viver sem quaisquer penas. Não o rejeites."

Maria João Madeira